



**JONATHAS SERRANO: UM INTELLECTUAL ENTRE O ESTADO, A IGREJA E A
EDUCAÇÃO CINEMATOGRAFICA**

Raquel Costa Santos¹
Milene de Cássia Silveira Gusmão²

INTRODUÇÃO

A partir dos nossos interesses de pesquisa e da inserção em atividades institucionais de extensão e ensino e articulações colaborativas em rede, temos conhecimento de inúmeras ações que vêm sendo desenvolvidas no Brasil, especialmente a partir dos anos 2000, que buscam relacionar cinema, educação e cultura. Tais iniciativas expressam um envolvimento crescente de agentes individuais e institucionais nessa relação, o que não é, entretanto, uma novidade – ressalvados, claro, os contextos-ambientes sócio-históricos e os modos de ressignificação –, se tomarmos o cinema em sua multimodalidade simbólica e a importância cultural e educativa que lhe foi atribuída desde as primeiras décadas do século XX.

Ao nos colocarmos a questão mais ampla de como se estruturou, no Brasil, uma rede de pessoas e instituições voltada para a formação cultural em cinema e ao aprofundarmos os nossos estudos sobre essas articulações socioinstitucionais do passado – que, em importante medida, repercutem no presente –, comparecem-nos entrecruzados os agenciamentos de instâncias como o Estado e a Igreja Católica. Ao invés, porém, de considerarmos apenas um possível papel supraindividual que se impõe como pertinente aos governos e instituições, tomamos como fundamentais, aliadas a essas estruturas objetivas, as trajetórias de indivíduos que são constituídas e constitutivas das práticas nas dinâmicas sociais. Mais precisamente, podemos pensar numa rede que vai sendo tecida na medida em que poderes, saberes e fazeres são mobilizados, de acordo com capitais simbólicos intercambiáveis.

1 Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Endereço eletrônico: quelcosta9@hotmail.com

2 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Docente no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
Endereço eletrônico: mcsgusmao@gmail.com



Entre as trajetórias que comparecem em nossas pesquisas, neste trabalho objetivamos trazer, brevemente, considerações acerca da do professor e intelectual Jonathas Serrano, no que diz respeito ao seu papel articulador, nas décadas de 1930 e 1940, entre a Igreja Católica e o Estado, instâncias que reclamavam para si a tarefa de promover a educação e a cultura cinematográficas, num momento em que também se vislumbrava, de um lado, o país como nação e, de outro, a recristianização da sociedade, comparecendo o cinema como importante bem simbólico para ambos os projetos.

METODOLOGIA

No escopo geral dos nossos estudos, dos quais recortamos o objeto que ora se apresenta, tomamos como base as contribuições teórico-metodológicas de Norbert Elias (1994, 2006) e Pierre Bourdieu (1996, 1996a), cujas sínteses entre o objetivismo e o subjetivismo nos ajudam a compreender, sociologicamente, as redes relacionais e as interdependências humanas no fluxo do tempo, rompendo antinomias reforçadas pelos campos disciplinares, como aquela que diz respeito ao par eu-nós ou indivíduo-sociedade. É nesse sentido e com base em seus postulados compreensivos que julgamos apropriado trazer alocações e deslocamentos de uma trajetória, na medida em que são expressivos da importância de encontros de pessoas com bens simbólicos e com outras pessoas, em determinadas condições estruturais/conjunturais, que, numa dialética com os aprendizados – que lhes doam sentido à vida, orientam condutas e transmitem-se indefinidamente entre gerações –, configuram as práticas constitutivas da realidade sócio-histórica. Somadas a tais pressupostos, uma compreensão das práticas e trajetórias e uma reconstrução da memória nos é possibilitada pelo levantamento empírico de dados históricos e biográficos, constantes em bibliografias referentes e fontes como jornais e revistas, incluindo – e isso nos é importante – publicações de autoria do próprio personagem ao qual este trabalho se refere e documentos internos aos órgãos a ele vinculados, como atas de reuniões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



O professor e intelectual Jonathas Serrano é reconhecido como um dos pioneiros e fundamentais colaboradores das discussões sobre cinema e educação no Brasil, inclusive no âmbito do governo de Getúlio Vargas. Segundo Reis Júnior (2008), Jonathas Serrano participou ativamente do processo de criação, em 1927, da primeira legislação brasileira que regulamenta o uso de filmes na instrução pública, durante a chamada Reforma Fernando de Azevedo, como subdiretor técnico da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e presidente da Comissão de Cinema Educativo dessa diretoria, que iniciou os trabalhos em 1929. Depois, foi um dos principais encarregados pelo governo federal na preparação do projeto legislativo-estatutário que fundamenta a criação e regula o funcionamento do Instituto Nacional do Cinema Educativo (Ince). Entre outras funções que desempenhou junto ao governo federal, durante a década de 1930, também foi membro da Comissão Nacional de Censura Cinematográfica desde 1932 e colaborador ativo das discussões do Convênio Cinematográfico Educativo de 1934, tendo pertencido ainda ao Conselho de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro, à Comissão de Ensino Secundário do Plano Nacional de Educação e ao Conselho Nacional de Educação. Diplomado, em 1909, em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, foi professor do Colégio Pedro II, da Escola Normal do Distrito Federal e da Faculdade de Direito do Estado do Rio de Janeiro em Niterói. Escreveu diversos livros e mantinha publicação regular de textos em periódicos. Foi também porta-voz do poder público na discussão com os segmentos sociais sobre a cinematografia brasileira e educativa durante a década de 1930.

Paralelamente à sua atuação junto ao governo, Jonathas Serrano esteve entre os líderes do laicato católico – como Alceu Amoroso Lima, Jackson de Figueiredo e Hamilton Nogueira – com maior atuação frente ao chamamento da Igreja, por meio do Arcebispo Sebastião Leme, para o apostolado e a ação social, no movimento de reforma conhecido como neocristandade, que se iniciou em 1916 e foi até a metade da década de 1950, com vistas a uma recuperação da influência cristã-católica na sociedade. Uma das estratégias era a aproximação da instituição tanto com as autoridades leigas do regime republicano quanto com os intelectuais – ou mesmo por meio deles – que compunham uma elite articulada ao governo.

Boa parte dessa atuação foi vinculada a Ação Católica Brasileira (ACB), mas, mesmo antes da sua fundação, em 1935, ele mantinha, na então capital federal, um apostolado cinematográfico, cujo trabalho foi oficializado por Dom Leme em 1938, com a criação do Secretariado de Cinema da ACB, o primeiro órgão oficial católico de ações ligadas ao cinema no Brasil. Ao pesquisarmos fontes primárias como as atas das reuniões do secretariado –



que foi mudando de nomenclatura e agregando novas funções – entre os anos de 1940 e 1950, pudemos notar uma triangulação estrutural em seu funcionamento: por um lado, havia a vinculação ao movimento organizado de leigos; por outro, estava submetido à autoridade eclesiástica e mantinha a presença de representantes da hierarquia; e contava com a colaboração de mediadores culturais vinculados a uma elite intelectual e/ou ocupante de cargos públicos. O professor Serrano, que esteve à frente do órgão até 1944, quando faleceu, figura como importante articulador entre essas três instâncias – a ACB, a hierarquia católica e os agentes públicos – e as ações que se pretendiam como de educação cinematográfica no país (SECRETARIADO DE CINEMA DA AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA, 1940-1943; SECRETARIADO DE CINEMA E IMPRENSA DA AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA; 1943-1950). Abrimos um parêntese para considerar que, embora parte dessas ações estivesse relacionada à classificação moral de filmes e orientações de conduta frente ao cinema, os documentos analisados nos levam a considerar que os agentes envolvidos tomavam essas ações, entre outras, como educativas. Isso não somente – fazia questão de ponderar Serrano – no que se referia ao “domínio puro da instrução”, mas no “largo âmbito da educação integral – física, higiênica, profissional, artística, científica, doméstica, social, cívica, moral, religiosa” (SERRANO, 1932, p.177-178), ou, dito de outro modo, “a educação em seu âmbito mais largo: a formação da personalidade integral” (SERRANO; VENÂNCIO FILHO, 1931, p. 85).

CONCLUSÕES

Por vezes, Jonathas Serrano tratava sobre a tendência de se colocar o cinema sob o controle do Estado, o que, para ele, reforçava a “hipertrofia das funções estatais”. Ao tempo em que perguntava “Como o cinema poderia escapar ao guante do Estado?”, sugeria, entre iniciativas particulares, coletivas e institucionais, uma “política de franca e leal colaboração” por parte dos católicos, exemplificando ações já em andamento (SERRANO, 1935, p. 138). Outrora, reivindicava a compreensão do governo brasileiro acerca da “relevância do problema cinematográfico na nossa educação nacional”, sugerindo a criação de um “órgão central coordenador de todo o movimento em nosso país”, em colaboração internacional (SERRANO; VENÂNCIO FILHO, 1931, p. 138). Ao mesmo tempo, sua trajetória é marcada pela ocupação de cargos comissionados junto aos governos municipal e federal no que concerne à sistematização de propostas para o cinema, especialmente o cinema educativo,



e também pela proximidade com figuras de maior relevo, como o ministro da Educação, Gustavo Capanema. Ainda compunha, ele mesmo, a frente de intelectuais a quem foi confiada a chamada neocristandade, mas também, por exemplo, o grupo de colaboradores da Educação Nova – embora não tenha assinado o manifesto, posição justificada em seu livro *Escola Nova* (SERRANO, 1932, p. 1-6).

A trajetória de Jonathas Serrano nos ajuda a compreender a importância do papel de intelectuais, educadores, mediadores socioculturais, na implementação de ações em educação cinematográfica no país, na medida em que essas trajetórias marcam e são marcadas por posições que transitavam, em tempos distintos ou concomitantemente, entre tradicionais e progressistas, buscando compatibilizar as tomadas de posição dentro de um espaço de possibilidades a que se vinculavam as suas práticas. Por um lado, o que parece condutas extremas podemos tomar como ambivalências inerentes às relações humanas, que portam tensões e conflitos, ante as necessidades que se apresentam e a margem de liberdade que têm os agentes. Por outro, vamos compreendendo as tessituras sociais construtivas da história e da memória – individual e coletiva –, quando, por exemplo, temos o fato de que, como nos lembra Bomeny (2001, p. 17), o projeto de construção do Estado nacional brasileiro demandou especialistas, “homens ilustrados propositivos”, num agenciamento em que “literatos modernistas, políticos integralistas, positivistas, católicos, socialistas são encontrados trabalhando lado a lado”, evidentemente, como reforça a autora, não sem “a ambiguidade do casamento entre homens do espírito e rotinas do poder”.

Palavras-chave: Jonathas Serrano. Estado. Igreja Católica. Cinema; Educação.

REFERÊNCIAS

BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: BOMENY, Helena (Org.). **Constelação Capanema:** intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista: Ed. Universidade de São Francisco, 2001. p. 11-35.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.



_____. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Escritos e Ensaios:** Estado, processo e opinião pública. Organização e apresentação de Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. v. 1.

REIS JÚNIOR, João Alves dos. **O livro de imagens luminosas:** Jonathas Serrano e a gênese da cinematografia educativa no Brasil (1889-1937). 2008. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SECRETARIADO DE CINEMA DA AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA. [**Livro de Atas n. 2**]. 1940-1943. Manuscrito. Acervo do Centro Loyola de Fé e Cultura/PUC-Rio.

SECRETARIADO DE CINEMA E IMPRENSA DA AÇÃO CATÓLICA BRASILEIRA. [**Livro de Atas n. 3**]. 1943-1950. Manuscrito. Acervo do Centro Loyola de Fé e Cultura/PUC-Rio.

SERRANO, Jonathas. **Escola Nova.** Rio de Janeiro: Schmidt, 1932.

_____. Cinema e psychologia. **Mensageiro da Fé**, Salvador, ano XXXIII, nº 18, p. 138, 15 set. 1935.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. **Cinema e Educação.** São Paulo: Cayeiras; Rio: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1931. (Coleção Bibliotheca de Educação, v. XIV).